

Maria Adélia Aparecida de Souza

Professora Titular de Geografia Humana da USP
madelia.territorial@gmail.com

Geografia, paisagens e a felicidade¹

Resumo

O que a Geografia tem a dizer sobre a felicidade? Responder a esta questão e gerar polêmicas é o objetivo deste artigo. Ele também se constitui em um ensaio crítico sobre as práticas dos geógrafos enquanto repetidores dos ensinamentos oferecidos pela disciplina geográfica ainda bastante vinculada a uma perspectiva iluminista e positivista do ponto de vista metodológico. Esta repetição é devida a uma dificuldade de compreensão do mundo contemporâneo a partir das dinâmicas e da voracidade do tempo presente. A inspiração central deste artigo é provocada pela capacidade que a Geografia tem de discutir temas como a felicidade a partir dos usos do território e do conceito de espaço geográfico proposto pela Geografia Nova estabelecida por Milton Santos. Desvendar a felicidade a partir das paisagens e das dinâmicas do mundo contemporâneo se constitui na proposta central da discussão aqui feita, partindo da crítica às propostas de medidas estabelecidas por índices (IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, Índice Brasil etc.) e metáforas (Sustentabilidade, Direitos Humanos, Segurança Alimentar, Inclusão Social etc.) que vêm sendo cada dia mais assumidos por pesquisas ditas científicas, no mundo todo.

Palavras-chave: Felicidade, Paisagem, Epistemologia da Geografia, Índice de Desenvolvimento Humano, Metáforas.

Resumé

GÉOGRAPHIE, PAYSAGE ET LE BONHEUR

Qu'est-ce-que la Géographie peut dire à propôs du bonheur? Repondre à cette question est l'objectif de cet article. Il est aussi un essay critique sur les pratiques des géographes autant que reproducteurs des enseignements offerts pour une Géographie encore très attachée méthodologiquement à l'illuminisme et au positivisme. Cette reproduction est due à la difficulté pour la compréhension des dynamiques et voracité du temps present. L'inspiration centrale de cet article a été provoquée par la possibilité qui a la Géographie de réfléchir sur des thèmes tel que celui du bonheur. Cela peut se faire à partir des catégories analytiques comme le paysage, l'usage du territoire et le concept d'espace géographique compris en tant qu'une totalité

dynamique, une indissociabilité entre systèmes d'objets et systèmes d'actions. Découvrir le bonheur à partir de la compréhension des paysages e des dynamiques du monde contemporain est au centre de la discussion ici proposée. Elle est faite à partir des "mesures" du bonheur produites à partir des indices (tels que l'IDH – Indice de Développement Humain, Indice Brésil, etc.) et des métaphores (Sustentabilité, Droits de l'Homme, Sécurité Alimentaire, Inclusion Sociale, etc.) qui, à chaque jour, sont plus adoptées par des recherches nommées scientifiques, dans le monde entier.

Mots-clé: Bonheur, Paysage, Territoire, Sécurité Alimentaire, Sustentabilité, Métaphores.

O que a Geografia tem a dizer sobre a felicidade? Pergunta para muitos até ridícula, pois para eles nossa disciplina só lida com coisa séria, com temas reais e palpáveis, materializáveis! Ledo engano! A Geografia tem muito que dizer sobre a felicidade, extraordinário tema que felizmente hoje vem sendo discutido, aqui e ali, em rodas de grandes intelectuais.

Neste início de século tão prenhe de ameaças de toda ordem, mas, sobretudo, da guerra, não é sem razão que este tema está na ordem do dia.

Imaginei que, desde quando a Geografia cuidava da descrição das paisagens naturais, quando esta era preocupação também dos românticos e seu sentido se confundia com o belo, ela aí estava intimamente ligada à felicidade.

Hoje sabemos que a paisagem, para a Geografia, é produto do trabalho do homem e significa tudo aquilo que vemos, até onde a vista alcança e que é produto do território usado e da constituição dos lugares. E, nesta paisagem, nem sempre há beleza e felicidade, nela entendida como bem estar. A paisagem vista como objetividade! Nela às vezes a felicidade não está estampada: os centros urbanos ocupados pelo povo da rua, as marquises usadas como dormitórios a céu aberto nas grandes metrópoles... os espaços da droga, as "cracolândias" espalhadas inclusive em cidades menores! O mundo rural respondendo a um uso do território, a uma funcionalidade hegemônica representada pelo agronegócio, consequência da atual divisão territorial e internacional do trabalho nesta contemporaneidade e que sufoca as economias nas localidades... Falo também das paisagens das guerras exibidas e transformadas em espetáculos televisivos, espreitados sadicamente pela humanidade em "seus lares"!

Consideramos que as paisagens hoje estão completamente humanizadas, mesmo não tendo, efetivamente, a presença humana. O sistema de

telemática e a capacidade que alguns têm de monitorar a Terra, armazenando dados e fazendo inclusive implodir torres imensas, transformaram a paisagem em um poderoso produto também da insanidade humana.

Claro, em sua aparência, a felicidade aí não está. A felicidade objetiva, como diria Kant. Este produto acabado do iluminismo, para quem o bem estar e, por conseguinte, a felicidade surgiria com o advento da conquista pela humanidade, do progresso técnico e científico. Ah! Estes tempos tristes, como diria Hannah Arendt! Ah! Estes tempos infelizes, como diriam os pessimistas hoje! Tem sido difícil compreender e aceitar as mudanças do mundo e todo trabalho humano realizado historicamente para que ele seja melhor!

Mas a felicidade aí está travestida pelo consumismo desenfreado e sua poderosa ideologia que caracteriza grande parte da sociedade contemporânea, especialmente a ocidental, alimentada por imagens e ideologias poderosas.

A Geografia hoje, ao procurar entender a construção das paisagens, propõe que o façamos através da compreensão do uso do território, a construção de “densidades técnicas, de uma **tecnoesfera**², onde ciência e tecnologia se adaptam, produzindo a interação de sistemas distantes, substituindo o meio natural pelo meio técnico, científico e informacional” (SANTOS, 1996, p. 255-256).

Eis um argumento poderoso que rebate aquele da homogeneização do espaço pela globalização e que já produziu textos lidos por gerações! A falácia da homogeneização do espaço pretendida por escolas e intelectuais importantes! Refiro-me aqui aos ensinamentos inclusive de escolas geográficas e econômicas cujos ensinamentos persistem, calcadas nesse conceito da homogeneização, traindo os princípios do movimento, da complexidade, que caracterizam a realidade e, conseqüentemente, o espaço geográfico. Características estas comprovadas nas ciências ditas exatas, mas que a Geografia insiste em preservar (microrregiões homogêneas definidas pelo IBGE e até hoje utilizadas!) ou a fundamentação teórica de Elegia para uma Re(li)gião, de Francisco de Oliveira, até hoje consultada por geógrafos regionalistas!

Esta **tecnoesfera** é a resultante do processo iluminista que metafóricamente é global, mas que, no entanto, adere às localidades, como uma prótese. Trata-se, portanto, do espaço como um híbrido, proposto por Milton Santos.

Essa hibridez, contudo, se deve à constituição dos lugares³ pelos acontecimentos solidários, definidos pelos processos das relações sociais e acolhidos nas localidades⁴. Portanto, contrariamente ao que se apregoa, a **tecnoesfera** é geradora de heterogeneidades, de desigualdades, de exclusões constituídas pelas relações sociais no modo de produção em que vivemos.

Assim, a **tecnoesfera** é produtora de paisagens luminosas convivendo com espaços tristes, pois visíveis a olho nu. Basta querer enxergá-los. Mas a **tecnoesfera** alimenta o discurso da felicidade, no mundo da globalização, dada a magia exercida pela técnica e pela tecnologia na dinâmica das relações sociais contemporâneas. E quantos equívocos têm sido cometidos em nome do uso da tecnologia avançada! Cito, certamente para gerar polêmicas (o que é salutar no debate acadêmico), a educação à distância e suas falácias e a lida com a criminalidade, pelo uso abusivo e desnecessário das tecnologias, como solução para problemas estruturais! Nestes casos usa-se o remédio equivocado para um doente cujo diagnóstico está mal feito. Percalços da felicidade contemporânea!

Bom retomar que essa **tecnoesfera** mal compreendida e utilizada é produtora de consumidores, não de cidadãos. A **tecnosfera** é produtora de deficientes cívicos, pois diz respeito apenas ao mundo hegemônico, ao mundo do mercado, como já nos sugeriu Milton Santos.

O iluminismo tem muito a ver com o desenvolvimento das ciências sociais e, muito especialmente com a Geografia, à medida que ela se institui como ciência humana. Fundando-se no racionalismo absoluto, calcado no desenvolvimento científico e tecnológico, ele vai alimentar a esperança, para a humanidade, de um mundo melhor a partir da melhoria das condições materiais da existência, que ele se propunha a criar, como de fato o criou.

Neste mundo de constituição de uma **tecnosfera**, forma-se também a **psicosfera**. Aí sim poderemos começar a falar de felicidade na Geografia. A psicosfera é o reino das ideias, crenças e paixões. É lugar da produção de um sentido para a vida, que faz parte desse meio em que vivemos, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário.

Ambas – **tecnoesfera e psicoesfera** – são círculos da existência, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla do que o lugar constituído pelos acontecimentos. “Elas são redutíveis uma à outra e se constituem nos dois pilares com os quais o meio técnico, científico e informacional

introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contrarracionalidade, no próprio conteúdo do território" (SANTOS, 1996, p. 256).

Mas, neste percurso regido por seres humanos, cuja existência não se pauta pela linearidade, este futuro tão promissor parece não ter dado certo diante de um olhar estreito e mais carregado de passado do que de futuro. São inegáveis os apuros pelos quais passa a maioria dos seres humanos que vivem sobre a face da Terra! Então, não haveria mesmo esperança? Se não houvesse, porque estaríamos discutindo a felicidade?

Mas, nestas paisagens tristes, é claro, a felicidade também existe. A felicidade subjetiva, aquela que habita dentro de cada um e que forçosamente sempre se manifesta: com a chegada de um filho, com a alegria da festa, com a possibilidade do emprego, com a chegada do asfalto, do centro de saúde, do ônibus, do metrô, com a ajuda necessária e generosa, com o encontro e a solidariedade, enfim. Eis uma forma de felicidade indestrutível, aquela do encontro e da solidariedade orgânica, aquela da emoção.

A felicidade se constitui a partir dos lugares, cimentada pelos acontecimentos solidários, intrínsecos à sobrevivência, à manutenção da vida. Filosoficamente falando, podemos afirmar que ser feliz é estar vivo! Lutar contra as dificuldades é o passo seguinte e passa exatamente pela qualidade na constituição dos lugares. É este o sentido dado à relação entre razão e emoção. Enquanto a primeira rege a primazia da forma/função, esta, a emoção, rege a primazia do sentir existencial, da intencionalidade e de suas abrangências. Enquanto a razão é carregada de cuidados com o passado – afinal toda ruptura é difícil e revolucionária – a emoção busca escancarar a possibilidade de mudança, de futuro. Ela se instala na racionalidade, mas também na contrarracionalidade. Ser feliz em meio à pobreza é uma aparente contrarracionalidade para aquele que existe fora dela. Afinal, como se pode ser feliz vivendo em uma favela, na periferia carente de tudo, num quadro de existência precaríssima? Mas então como compreender a festa na periferia? Os pobres não estão mortos!

A Geografia, ciência que se coloca em pé, com rigor, identidade e maturidade no século XIX, sempre esteve assentada nessa imensa racionalidade, advinda do iluminismo.

Então, como falar de emoção? Durante todo este tempo, o objeto da Geografia, a descrição das paisagens era (e tristemente ainda é) feita como

se ela brotasse inodora, assexuada, expondo-se ao relato e à descrição, por vezes com uma pitadinha de ideologia, que a confunde, e de política, que certamente a qualifica.

Mas a felicidade então também se transformava em algo racional, desprovida de emoção. A felicidade era, e ainda é, medida por índices e tipologias, desenhadas ou elaboradas em ordem decrescente: os que detêm e aqueles que não detêm tal ou qual equipamento ou serviço, tal ou qual índice. Descritiva, ela aderiu a um discurso generalista, metafórico e matematizante, bem ao gosto do final do século XIX e de todo o século XX. Uma Geografia hoje superada pela imagem e pela fantástica evolução da eletrônica, da telemática e da informática. Mas, é a ela que ainda hoje muitos se dedicam, semeando a infelicidade entre os alunos, pela frieza dos seus textos, pela mesmice de seus argumentos ultrapassados pela dinâmica do mundo, ainda que ajudados por imagens.

Esta é sem dúvida a Geografia das paisagens da infelicidade. Sendo descritiva e não compreensiva, ela se pauta pela lógica da análise advinda das imagens e do mundo que congela. Ao congelar a paisagem, a Geografia já perdeu o pé do mundo, hoje movido pela aceleração contemporânea. Perdeu ainda por ignorar um conceito caro à compreensão contemporânea e a sua voracidade: a inércia dinâmica. Com isso deixamos de lado nossa discussão valorosa sobre o passado – do Planeta e da Sociedade, menosprezando as rugosidades! Andamos a cavaleiro dos arquitetos, com suas questões quase seculares de preservação, requalificação, valorização, restauração etc. etc. etc. Mas como fazê-lo? Que memória guardar? Apenas o que resiste ao tempo como objeto? Mas o espaço geográfico é uma indissociabilidade entre objetos e ações? Estas emanam da emoção, da intencionalidade dos sujeitos. São subjetivas! Preservamos apenas a forma que é sua objetividade e a refuncionalizamos? E seremos felizes por preservar igrejas, mansões, palácios? Afinal, há rugosidades que permanecem garantidas pela própria natureza e que cada vez mais são engolidas pela voracidade do tempo presente! Como compreender o passado no presente? Milton Santos escreveu que o espaço é uma acumulação de tempos. Vemos isso nas paisagens, que são pedaços de espaço/tempo aparentemente congelados! E a felicidade, como lida com a memória, com a história?

Esta Geografia não capta o sistema de ações, que se dá, aliás, mais como processo do que como sistema, como queria Milton Santos. Ações que se dão mais como emoção do que como racionalidade. Certamente essa Geografia será, pelos bons ventos que sopram, derrotada, pelo limite atingido pela racionalidade iluminista e pela necessidade de substituir a quantidade pela qualidade, a razão pela emoção. Ou cientificamente falando, a racionalidade econômica pela racionalidade política, na qual a emoção é o ingrediente mais precioso e, por conseguinte, carrega potencialmente a ideia de felicidade.

Ser feliz é sentimento, é pura emoção. É nos lugares que as pilhas da emoção são recarregadas de afeto, coragem, disposição para a construção do novo. Os argumentos estão aí, nas ruas do mundo neste início de século XXI. Quer seja na periferia de Paris, com o grito de liberdade dos jovens franceses filhos de imigrantes, bradando por seus direitos; que seja na Praça Tahin, na cidade do Cairo, com egípcios exigindo governos mais democráticos e éticos; quer seja nas ruas e praças brasileiras, onde jovens, ainda que com opiniões difusas, clamam por dignidade, ética, moralidade na política e nos governos.

Sem emoção e sem as facilidades propiciadas pelo funcionamento do mundo do presente, tais manifestações seriam pouco prováveis. Até aqui e sem a ajuda da tecnologia era o passado que se mantinha como “tendência”, maldito conceito que a Economia nos inculcou e tenta manter até esta atualidade! Como haver possibilidade de usar índices apontando tendências (quando em realidade eles são tendenciosos) num mundo que muda a cada instante, pois regido pela imprevisível emoção? Mas o que vem sendo demonstrado é que o uso do território – das praças e ruas – pode ser contra-hegemônico também com o uso da *tecnoesfera*!

Extremamente interessante a reflexão feita pelos personagens que fundam o livro de Giannetti (2002) sobre o período pós-iluminista. Não é objetivo deste artigo desenvolver este tema. No entanto, é importante resgatar as explicações dadas nessa obra, sobre o que se denomina de *bifurcação pós-iluminista*, indagando sobre a promessa de felicidade e a falha do iluminismo.

Trata-se de discutir, em realidade, o que podemos dizer daquilo que se constitui, hoje, em um par dialético, diante do conhecimento que temos

da resultante civilizatória do iluminismo: a relação dialética que hoje existe entre processo civilizatório e felicidade. Essa discussão indica duas vertentes: uma calcada na tese da incompletude, que leva a Hegel, Marx, à Escola de Frankfurt, a Stuart Mill, dentre outros, calcada na ideia do avanço do processo civilizatório. Nesta equação, não há nada que esse processo não possa sanar. “A equação iluminista (razão = virtude = felicidade) é perfeitamente solvível no eixo do tempo” (GIANNETTI, 2002, p. 54). Esta tese, portanto, permanece em pé.

A outra vertente daquela bifurcação nos traz a ideia de processo civilizatório e avanço da racionalidade, que nos leva a Diderot, Nietzsche, Weber e Freud. O preço desta tese é aquele pago pelo bem estar subjetivo. “A civilização entristece o animal humano” (idem, ibidem, p. 54-55). O progresso traz benefícios, implicando, no entanto, em custos muitos altos do ponto de vista da existência. É a tese da permuta civilizatória, segundo a qual a equação iluminista não fecha: *ela não apresenta solução computável no eixo do tempo.*

Esta reflexão precisa ser levada adiante na Geografia, quando precisamos, exatamente hoje, desvendar o sistema de ações, criador de paisagens que suportam dinâmicas territoriais e que constituem os lugares, *esse espaço do acontecer solidário*, espaços da resistência, verdadeiro canteiro de uma felicidade que emerge, neste mundo novo, neste período popular da história, como chamou Milton Santos, nestes novos tempos. Neles, felicidade tem outra cara e a beleza uma nova estética!

Assim, precisamos ver as novas paisagens... Deste mundo novo...

Mas como a Geografia Nova, aquela que estamos criando a duras penas e as demais ciências sociais (a economia, a antropologia, a sociologia e seus instrumentais) falam da felicidade, se não enfrentarmos as crises paradigmáticas que atravessamos?

Os textos criados para tanto têm sido metafóricos e quantitativos, numéricos. Não importa que eles não resistam a uma argumentação mais profunda. Afinal, quem discute hoje um argumento? Todos são apresentados como verdade e pagos a preço de ouro pelas instituições internacionais, que por vezes ditam as regras da pesquisa, dentro das Universidades.

O quadro 1, a seguir, elaborado por meu aluno James Humberto Zomighani Junior, é estarrecedor, pelos desvios que a ideologia vem

provocando nas mentes acadêmicas e científicas, com sérias implicações no processo de produção de conhecimento do mundo. A que ponto chegamos! Colocando as palavras-chave arroladas no quadro e que dizem respeito ou a problemas ou a metáforas que caracterizam esta contemporaneidade, no Diretório de Pesquisas do CNPq, ai está o resultado obtido:

Quadro 1

GRUPOS DE PESQUISA CADASTRADOS NO CNPQ EM 2013

Nº de grupos de pesquisa cadastrados	Palavras-chave
4	Penitenciárias
18	Prisões
18	Sistema Prisional
43	Sistema Penal
90	Desigualdades Sociais
173	Pobreza
652	Direitos Humanos
724	Violência
1531	Sustentabilidade
Total: 3.253	

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.
Elaboração: James Humberto Zomighani Junior.

Impressiona-me o peso das metáforas na escolha de temas dos grupos de pesquisa registrados no CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa do Brasil. De um total de 3.253 grupos de pesquisa registrados no Diretório, 67% têm enunciados metafóricos: 652 grupos pesquisando Direitos Humanos e 1.531 grupos pesquisando Sustentabilidade, a mais poderosa ideologia do Banco Mundial e das organizações internacionais⁵. Temas que dizem respeito ao real concreto, passível de construção científica rigorosa, observável geográfica, sociológica, econômica e urbanisticamente falando, apenas seis tipos correspondendo aos 30% restantes: prisões, desigualdades sociais, violência, sistema penal, penitenciárias. Não de convir os leitores que há algo de estranho no reino da Babilônia, como diz o antigo adágio.

E, por falar em metáforas e em busca da felicidade, vemos que não são apenas os índices que nos incomodam, mas a visão de mundo dos

pesquisadores e a maneira como enxergam a realidade e a fragilidade de construção de seus métodos de pesquisa.

Mas voltemos aos índices, medidores da felicidade. Vejamos alguns deles. Começemos pelo mais atual e universalmente adotado: o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano. Paremos para pensar sobre o que é Desenvolvimento Humano: é ter tudo aquilo que o ocidente imaginou que a humanidade deveria ter? Aquilo que dá dignidade humana, não desenvolvimento, e é condição material para a reprodução da vida: um abrigo, comida, saúde e educação? Ter luz elétrica, televisão, geladeira, sofás, computadores, ar condicionado, “renda per capita” (outra matematização) elevada, automóvel? Esta é a felicidade iluminista, europeia, ocidental. E cínica, pois a maioria do povo do mundo ou não quer ter ou não pode ter acesso a esse tipo de felicidade.

Quanto maior o índice – está acordado (por alguns) – maior é a satisfação socioeconômica do país, portanto, maior o índice de satisfação, isto é, de felicidade de seu povo. Eis uma medida da felicidade objetiva proposta pelos governos e pelas instituições internacionais que monitoram a felicidade global!

Há países, objetivamente falando, que apresentam IDH alto e que seu povo possa ser infeliz? Alguns países, além de sua felicidade ser medida por este índice, resolveram, nestes tempos de muda, matematizar ainda mais o mundo: fala-se em risco. Risco, aliás, é bom que se diga, é sinônimo de saúde do mercado. O risco Brasil, por exemplo, quanto desassossego traz a alguns poucos brasileiros, aqueles que correm riscos, evidentemente. Aumenta a safra de soja brasileira, o tal risco Brasil diminui.

Mas índices, a quem interessam? Àqueles que desejam a felicidade?

Como se não bastasse a matematização do mundo, metáforas são inventadas para reforça-la: Nelas está implícita a ideia de felicidade objetiva, criada pelas condições do mundo.

Vejamos algumas metáforas que induzem a busca da felicidade: desenvolvimento sustentável, segurança alimentar, globalização.

O que é a sustentabilidade? Manual de bom comportamento empresarial ou social? Como tê-la em uma sociedade injusta, corrompida e sob ameaças de toda ordem? O discurso do desenvolvimento sustentável, que subentende a felicidade, afinal é o que, além de mero discurso? E eles

passam hoje mais rapidamente do que ontem. Discursos se fazem... E desfazem, ao sabor da política. Como pode haver sustentabilidade, logo felicidade objetiva, em um mundo movido pela desigualdade (ou concorrência, competitividade se preferirem) e pela escassez vivida por mais da metade da população do mundo!

Rosanvallon (2012, p. 11), logo no Prefácio de seu interessante livro “A Sociedade dos Iguais”⁶ nos alerta sobre a crise da igualdade que vivemos hoje:

A democracia afirma sua vitalidade como regime no momento em que apodrece como forma de sociedade. (...) O crescimento das desigualdades é ao mesmo tempo o índice e o motor desse apodrecimento. (...) Jamais ouvimos falar tanto de desigualdade e ao mesmo tempo jamais vimos tanta falta de esforço para reduzi-la.

Escassez é um atributo do capitalismo de mercado, portanto, difícil de ser sustentado sem ela. Escassez e capitalismo são sinônimos. O mundo depende da escassez para se manter como tal. Impossível abolir o mercado de nossas vidas, apesar dele mesmo ser uma criação virtual, pois, aquele que funcionava no passado e que até hoje glamouriza as cidades praticamente não existe mais. Mas, de qualquer modo, para frequentá-los, tanto um quanto outro, é preciso dispor de condições para o consumo. É preciso dinheiro. É preciso tornar-se consumidor. E a perversidade é tamanha, que todos querem ser consumidores, mas a maioria não consegue. Então vamos incluí-los. Eis a inclusão social! Mágica, piedosa, assistencialista, reacionária. E... espaçosa: inclusão digital, inclusão social, inclusão ambiental, inclusão de toda ordem! A felicidade outorgada por outrem! Cinismo do mundo do presente complementado pela função social da empresa que, diabolicamente, promove com o Governo essas inclusões!

Aqui é interessante recuperar um excelente pequeno livro de Hannah Arendt (2011), “Da Mentira à Violência”, referindo-se à política contemporânea e todas suas artimanhas. Refiro-me aqui às mentiras e aos conceitos montados no mundo do presente de modo a interferir nas políticas para “re-inventar o mundo” e criar a felicidade. Busco inspiração, neste momento crucial de meu texto, nessa excepcional filósofa, combatente dos totalitarismos:

Um dos traços marcantes da ação humana é que ela empreende sempre o novo, o que não significa que ela pode partir do nada, criar a partir do nada. Pode-se empreender uma ação nova somente a partir do deslocamento ou da destruição do que existia antes e da modificação do estado atual das coisas existentes. Essas

transformações só são possíveis se possuímos a faculdade de nos distanciar pela reflexão do nosso entorno e de imaginar⁷ que as coisas possam ser diferentes do que elas são em realidade. Dizendo de outro modo, a negação deliberada da realidade – a capacidade de mentir – e a possibilidade de modificar os fatos – aquela de agir – estão intimamente ligadas; elas procedem tanto uma como a outra da mesma fonte: a imaginação (ARENDE, 2011, p. 09).

E prossegue Arendt, com a pá de cal sobre a criatividade dos pesquisadores em cima de metáforas para pesquisar, ao invés de enfrentar a realidade:

Não é possível que sejamos capazes de dizer “o sol brilha”, no instante mesmo em que chove (certas lesões cerebrais implicam na perda desta faculdade); este fato indica sobretudo que mesmo estando perfeitamente aptos a apreender o mundo pelos sentidos e pelo raciocínio, nós não estamos inseridos, ligados a ele, do mesmo modo que uma parte é inseparável do todo (idem, *ibidem*).

É no seio desta percepção de mundo que certamente índices e falsas teorias de compreensão de uma realidade sobre a qual se institui a mentira, que os índices e a felicidade coletiva nascem.

O que é que sustenta, ou melhor, onde está a felicidade em mundo ameaçado por um desemprego crônico, hoje já assumido por todas as instâncias de negociação mundial, no Rio de Janeiro, em Washington ou em Davos e até mesmo em Porto Alegre!?

E o cinismo da Segurança Alimentar? Há que se reler a parábola da multiplicação dos pães, para entender sobre a fome! Em um mundo que dispõe de todos os meios para nutrir a humanidade, mas onde a fome crônica, estrutural ou mesmo a episódica, cada vez mais ronda tantos, como usar tal conceito, a não ser quando o relacionamos ao mundo da produção, ou do assistencialismo? Não havendo fome há felicidade, quando não, há esmola. Quando se aprende a pescar?

Metáforas e índices que dificultam a compreensão dos processos do mundo e a ajuda na busca da felicidade.

Mas é bem provável que a felicidade já tenha chegado e não tenhamos percebido, juntamente com o período popular da história.

Domenico De Masi (1993, p. 41-49), não sem razão, nos estimula a refletir sobre o ócio. “Ao Homem caberá só o monopólio das atividades criativas”, nos ensina ele. Basta também ler seus interessantes textos sobre

as mudanças no mundo do trabalho, para entendermos, minimamente, o que se passa no mundo de hoje, com suas transformações que as velhas epistemologias insistem em chamar de crise.

Parece que realmente o sonho de Aristóteles e a busca da felicidade pelo ocidente são palpáveis, como lembra o próprio De Masi (1993, *idem*), nesse seu artigo:

se cada ferramenta pudesse, a partir de uma ordem dada trabalhar por conta própria, se os teares tecessem sozinhos, se o arco tocasse nas cordas da cítara, então os empreendedores poderiam privar-se dos operários e os proprietários dos escravos. Nunca, como hoje, estivemos tão perto da realização desse sonho...

Só precisamos saber como viver neste mundo e fazer da felicidade objetiva um atributo de todos, não apenas de alguns.

É também tempo de refletir sobre o sentido e a natureza do mundo novo: “Cada coletividade e cada pessoa são testemunhas integrais do presente, ainda que nem sempre possam avalia-lo. E, paralelamente, cada pessoa (ou grupo) é também um testemunho vivo de um mundo tornado próximo” (SANTOS, 2002, p. 117).

Basta que não deixemos a felicidade subjetiva apodrecer com o movimento da história. É esta a luta que devemos enfrentar, em busca da felicidade, no mundo do presente.

Notas

¹ Texto preparado para o II Colóquio Internacional sobre a ideia de Felicidade. Fortaleza, 10 e 11 de março de 2003, revisto e atualizado para publicação em Geotextos, 2013.

² O grifo é nosso.

³ Lugar entendido como o espaço do acontecer solidário.

⁴ Localidade entendida como localização, espaço geométrico. Chamo aqui a atenção do leitor para a precisão conceitual e de linguagem proposta pela Geografia Nova, que distingue localidade de lugar. Princípios do Método da Geografia que pratico.

⁵ Ver a propósito, disponível na internet: SOUZA, Maria Adélia. Meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável. As metáforas do capitalismo. Campinas, 1999 (inédito).

⁶ Tradução de “La société des egaux”, feita pela autora deste texto.

⁷ Grifo da autora, no texto original.

Referências

ARENDRT, Hannah. **Du Mensonge à la violence** (Título original da obra em inglês: Crises of the Republic). Paris: Calmann-Levy; Ed. Pocket, 2011. (1. Ed. de 1972).

DE MASI, Domenico. **Em busca do Ócio**. Reflexões para o futuro. 25 Anos da Revista Veja. 1993, p. 41-49.

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OLIVEIRA, Francisco. **Elegia para uma Re(li)gião**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993

ROSANVALLON, Pierre. **La société des egaux**. Essais. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **O País Distorcido**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2002.

SOUZA, Maria Adélia. **Meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável. As metáforas do capitalismo**. Campinas, 1999 (inédito). Texto disponível na internet.

Recebido em: 17/10/2013

Aceito em: 11/11/2013